

***organizada por***

Gustavo Piqueira

***com ensaios de***

**Avant Brand**

**Betoven S. Araújo**

**Fefferson de Souza**

**Flavio Gagliardi Neto**

**Joana Bosgouet**

**Má Ferrari**

**Tânia Maria Thiemy**



# Introdução

POR **Gustavo Piqueira**

Esta *Iconografia paulistana* busca registrar um momento especial na história de São Paulo. Aquele em que a cidade parece ter, enfim, enterrado os complexos que a afligiam desde que o dinheiro do café transformou a tímida vila provinciana em histórica metrópole. A cidade prosperou, cresceu. Ganhou inquestionável importância no cenário nacional. Porém, na falta de um barroco dourado, corte imperial ou belezas naturais, foi obrigada a resignar-se ao epíteto de terra do trabalho. E, simulando desajeitado orgulho, assim atravessou todo o século vinte. São Paulo tinha grana, e só. Não passava de um industrial novo rico, meio jeca e grosseirão. Hoje, cento e cinquenta anos depois, soam as buzinas. O velho finalmente está morto e a vocação cosmopolita de São Paulo irrompe livre, incontrolável. Temos não sei quantos mil restaurantes, não sei quantos mil exposições, não sei quantos mil shows, não sei quantos mil grifes internacionais, não sei quantos mil qualquer outra coisa. Somos a

capital da gastronomia. A capital da cultura. A capital da vida noturna. A capital da economia criativa. A capital.

Como não documentar instante tão glorioso? Como não fixar o rosto da cidade e imortalizá-lo em seu melhor sorriso, em seu penteado mais elegante?

Para tanto, nada de recortes dramáticos. Nem zumbis vagando pela Duque de Caxias, nem helicópteros pela Faria Lima. Sempre foi fácil fingir que isto aqui era Williamsburg, Darfur ou Mayfair. Bastava virar a câmera para lá ou para cá, acertar o zoom e pronto: “Isto é São Paulo.” Aqui não. Sem ode ou repúdio. Sem enquadramentos que busquem denegrir ou elevar a reputação da cidade. Apenas a São Paulo que se vê, diariamente.

E, aviso importante, qualquer adjetivo que queira adicionar às páginas seguintes deve ser debitado integralmente na sua conta. Só não se engane: esta não é uma São Paulo exótica. É, numa frase repetida, apenas a São Paulo que se vê, diariamente.

*(Será que eu deveria encher um pouco mais de língua? Entendo que introduções devam ser breves. Mas tão breves assim? Arrisco mal aparecer na obra que eu próprio organizei. Qual o sentido de trabalhar meses num projeto tão amplo como este se, no fim das contas, meu nome terminar escondido em meio aos dos outros autores? Por outro lado, se exagero demais na autopromoção, talvez deixe a impressão de ser muito vaidoso. E nada é mais cafona do que aparentar vaidade. Melhor manter a pose e encerrar por aqui mesmo.)*



## ESPAÇO URBANO

26 ***Moradias paulistas***

POR Flavio Gagliardi Neto

## BIODIVERSIDADE

76 ***Onde encontrar,  
em São Paulo, o animal  
símbolo de São Paulo***

POR Joana Bosgouet

## ARTE

94 ***O conteúdo explosivo  
da arte urbana paulistana***

POR Avant Brand

## INFÂNCIA

136 ***Temp(ões) de alegria!***

POR Betoven S. Araújo

## GASTRONOMIA

178 ***A metrópole que abraçou  
a culinária japonesa***

POR Má Ferrari

## CULTURA UNDERGROUND

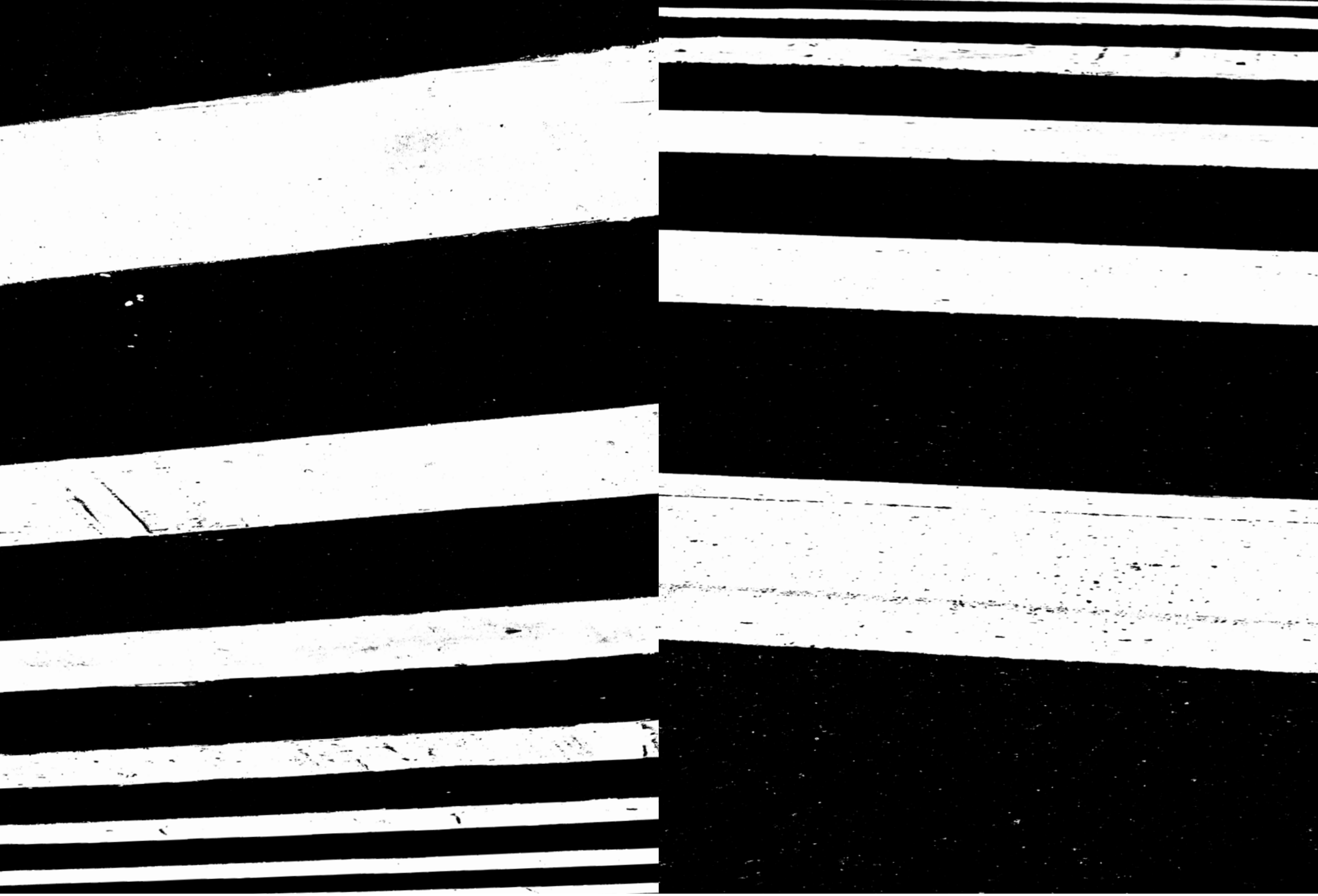
226 ***fronteiras gráficas: uma  
análise do processo de  
criação de tendências através  
de detalhado estudo sobre  
os logotipos das bandas  
paulistas de heavy metal***

POR Tânia Maria Thiemy

## AVENIDA PAULISTA

272 ***Avenida Paulista,  
o cartão-postal da cidade***

POR Fefferson de Souza





**espaço urbano**



# ***Moradias paulistanas***

POR **Flavio Gagliardi Neto\***

*\*Arquiteto e urbanista. Doutor pela FAU-USP, instituição onde atualmente ministra disciplinas relacionadas à história das cidades e ao planejamento urbano.*

“O vivente abole a separação entre ele próprio e a matéria trabalhada: a vida é uma ação sobre o meio, tal que o meio se torna vivente.” (KANT, 1788)

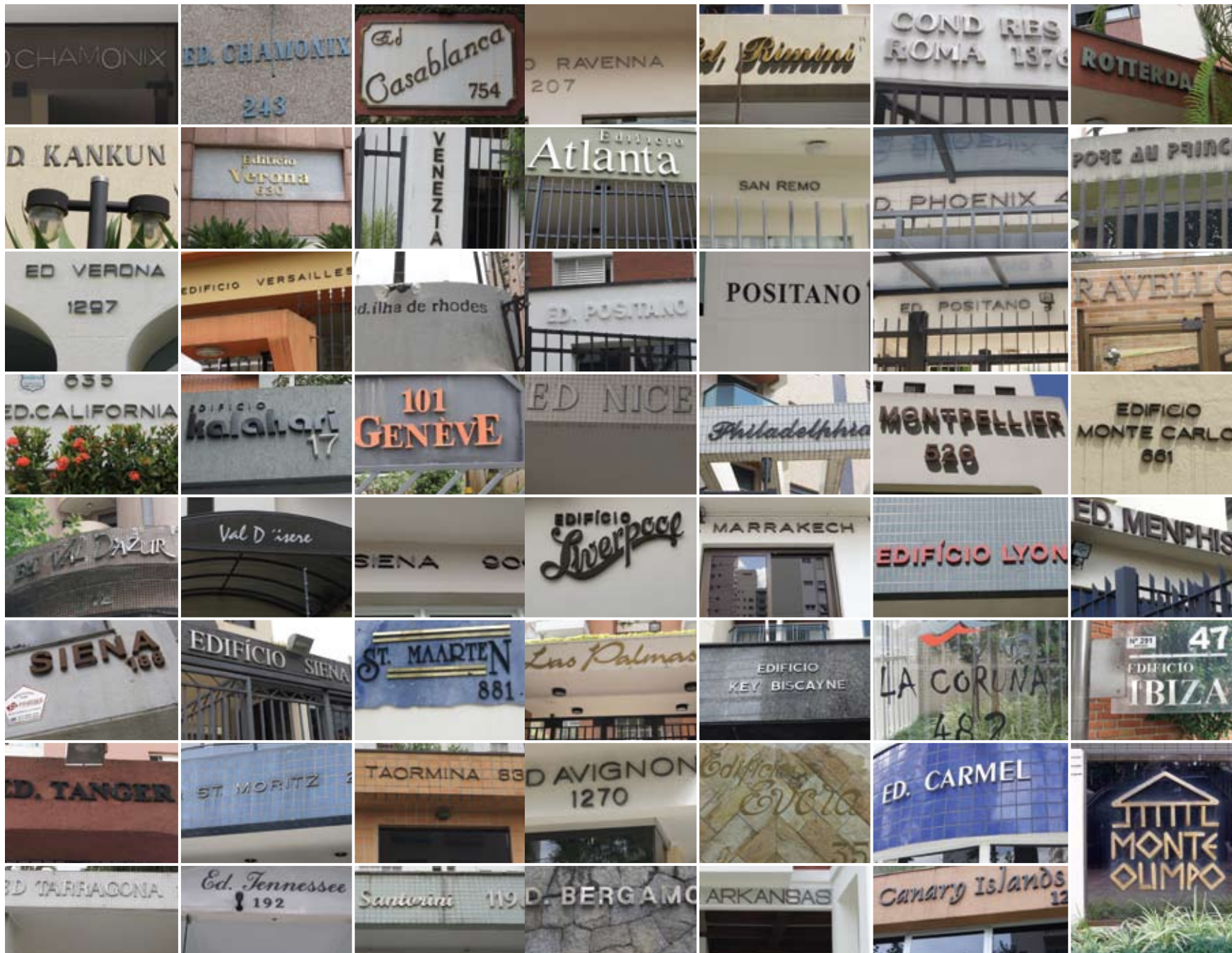


O presente levantamento fotográfico, realizado durante o ano de 2012 nos bairros paulistanos de Perdizes, Lapa, Mooca, Vila Romana, Pompeia, Tatuapé, Santana, Barra Funda, Real Parque, Vila Leopoldina, Itaim, Vila Andrade, Santa Cecília, Freguesia do Ó e Cerqueira César, faz parte do capítulo dezenove de minha tese de livre-docência, *A imagética da dominação no espaço-cidade*, a ser defendida em maio próximo (e, posteriormente, editada em livro). A seleção das edificações baseou-se nos seguintes parâmetros objetivos: habitações de tipologia vertical e multifamiliar localizadas no município de São Paulo, com renda familiar mensal acima de R\$ 3.632,70 por domicílio. Fato que, analisado isoladamente como recorte, poderia levar a questionamentos, bem como à conclusão precipitada de que a amostra ignorou glebas desfavorecidas da malha urbana, atitude irresponsável em vista da real constituição multiforme da cidade. Deve-se, portanto, esclarecer que se trata apenas de um excerto do todo de minha pesquisa, o já mencionado capítulo dezenove. Pois, enquanto o capítulo dezoito aborda a habitação informal, o dezessete lança um olhar sobre os párias que se deslocam sob “não casas” (CAPILLI, 1983). Logo, a soma dos três projetará uma completa e não excludente “experiência visual panorâmica” (MILLS, 1971) da metrópole.

Contudo, se o material publicado aqui priva da apreensão do todo, possui inegável valor autônomo. Afinal, ao destacar as peças de seu entorno urbano e reorganizá-las seguindo possíveis

eixos temáticos, erguem-se mosaicos que desvelam não apenas pitorescos detalhes invisíveis ao transeunte, mas uma nítida e abrangente paisagem dos valores familiares das elites dominantes e classes emergentes. Suas ambições e códigos sociais, estampados em letra- caixa dourada nas fachadas de microfeudos coletivos. Constitui, pois, instrumento dos mais valiosos para o entendimento das complexas relações existentes entre o meio urbano e o “arcabouço moral” (BULLERAICH, 1967) da São Paulo de hoje. Afinal, “ressignificar um paradigma só se faz possível através de uma interlocução com sua potência identificadora” (MAILLARD, 1996).

“São Paulo é  
um caldeirão  
de culturas.”  
(GUARESCHI, 2003)



MAISONS E VILLES  
PAULISTANAS.





PIAZZAS E PARKS.



PALAZZOS E  
CHÂTEAUX.



Diante desse instigante quadro, duas questões bem precisas se impõem ao urbanismo. Duas questões fundamentais. Duas questões “às quais todas as outras estão submetidas” (MONETTI, 1989).

UM TOUR  
POR PARIS  
SEM PISAR NO  
AEROPORTO.





OU POR FIRENZE.



Duas únicas, retumbantes, questões.  
Que devem ser enfrentadas por todos que  
buscam “transformar o fetiche em intervenção”  
(WOLDEGIORGIS, 1949).

SÃO PAULO:  
METRÓPOLE CULTA.



E SOFISTICADA.





Duas questões que vão ao encontro do “locus difusor dos novos padrões de deslocamento urbano e comportamento social” (STEEN, 2008) numa “alternativa corroborada pela possibilidade real de colapso do modelo urbano” (VIGNAUD, 1979), em vista dos “fragmentos pós-globalização” (PREDESCU, 2007) no cerne da “metrópole evaporante” (MATHEWS, 1991).

TERRA DE  
MODERNIDADE.



E BEM VIVER.





“Duas questões” (BEKMANSUROVA, 1993).

“E nada mais” (KASEMSANT, 2007).

CIDADE QUE  
NÃO ESQUECE  
SUA HERANÇA  
MEDIEVAL.



É REVERENCIA SUAS  
ESTONTEANTES  
BELEZAS NATURAIS.



Duas questões.

Duas questões que não serão abordadas neste artigo.

Exato. Nem uma linha. Nada. Sem enunciados, muito menos análises ou respostas.

Fato que gerou certa indisposição por parte dos responsáveis pela edição desta *Iconografia paulistana*. Reação compreensível, já que minha atitude — cessão de imagens sem o acompanhamento de conteúdo textual analítico — soa paradoxal.

Mas soar paradoxal não afirma, necessariamente, o paradoxo. Pelo contrário, nada significa senão uma abordagem pragmática diante das “engrenagens silenciosas que colocam a sociedade em trânsito” (DE ROOST, 1848). Configuram, portanto, movimentos “conflitantes na sintaxe, ainda que idênticos na essência” (FOUCARD, 1959). Cabe, contudo, um esclarecimento sucinto, a fim de eliminar possíveis mal-entendidos.

Como mencionado no início deste breve ensaio, as imagens que gentilmente cedi a preço módico para esta publicação fazem parte do capítulo dezenove de minha tese de livre-docência, que será transformada em livro: *A imagética da dominação no espaço-cidade*. E, na “dinâmica de interlocução dos valores” (ZHANG, 2010), a publicação de um livro pode ser tomada como marco inicial de um ciclo — palestras, workshops, conferências — de suma importância para a manutenção do equilíbrio financeiro de qualquer membro dedicado à pesquisa intelectual na academia brasileira, sucateada por

políticas públicas omissas e baixos salários. Donde se conclui que a revelação de parte do conteúdo de *A imagética da dominação no espaço-cidade* numa obra de relevância questionável como esta *Iconografia paulistana* seria, no mínimo, imprudente. Afinal, dada a configuração atual da civilização ocidental, cada vez mais a equivalência entre a importância do legado de um indivíduo para a sociedade e sua remuneração “vem afrouxando seus laços, historicamente já bastante frágeis” (SÉGARD, 2009). Some-se a isso o fato de que os honorários que recebi por essa participação só podem ser adjetivados, imbuindo-me de boa vontade, como simbólicos.

É mandatário que o intelectual sério busque, tateando em contexto econômico tão precário, alternativas de retorno mais palpáveis. E isso se dá através de cursos ministrados em universidades particulares e consultorias. A exposição pública de sua obra é, portanto, fundamental. Temos, enfim, o nó desenlaçado: a cessão de fotos para este livro aguça a curiosidade do público, que aguardará ávido pelo lançamento de *A imagética*. Tal movimento alavancará a divulgação de meu livro, e os subsequentes convites para palestras, congressos e workshops crescerão em progressão geométrica. O que não ocorreria caso parte de seu conteúdo escrito tivesse sido revelado nestas páginas, misturado a outros autores que, sem falsa modéstia, possuem menor envergadura.

Injusto sedimentar, contudo, a pura ganância como motor de tais ações. Pois o sucateamento da

pesquisa acadêmica no Brasil atinge não apenas o indivíduo Flavio Gagliardi Neto, mas também sua família. A filha, matriculada em colégio particular — como abrir mão da solidez de formação? —, onde, não bastasse a mensalidade abusiva, a jovem Gaia é exposta diariamente a colegas que vêm de lares onde “afunda-se em dionisiacos bacanais de consumo” (GRAHAM-ADRIANI, 2004). Como qualquer ser humano, é refratária ao meio social em que está inserida, e o mínimo desembolso mensal para cobrir tais reações ultrapassa quaisquer limites. Além da filha, há a esposa. Só entenda, Ruth querida, que não busco aqui entabular nenhuma reclamação acerca da máquina Nespresso que comprou semana passada. “Todo mundo tem” (RUTH, 2012). Eu sei, amor. Mas você tem noção de quanto custam aquelas cápsulas? Não estou reclamando, meu bem. Você merece. Como não contestei o dia em que estourou o cartão no Iguatemi com sua irmã Lúcia. Tudo o que pedi foi a compreensão de que ela é casada com o Oswaldo. Família rica, mas sem cultura. Se ele possui vencimentos, nós temos o saber. E estou batalhando, juro. Caso queira se animar, saiba que terminei aceitando aquela consultoria oferecida pela Prefeitura de Ourinhos. Seus argumentos sólidos de ontem à noite me convenceram: “Deixa de ser trouxa, Flavinho! Se você não fizer, alguém mais esperto fará no seu lugar” (RUTH, 2012). Hoje pela manhã, já lhes telefonei, comunicando a decisão. Nenhuma crise moral, mesmo ciente de não ser permitido realizar o trabalho, já que meu contrato com a universidade

prevê dedicação integral, item que acrescenta alguma robustez ao vencimento mensal. Sem contar que o projeto de consultoria não parece dos mais éticos, consiste em ajudá-los a abrir uma brecha no Plano Diretor municipal para a desapropriação de algumas famílias do local onde o primeiro shopping center da cidade será implantado. Mas não importa, querida. A remuneração oferecida viabilizará a troca do seu carro, “aquela lacraia velha” (RUTH, 2012). Só ainda não creio ser possível migrarmos direto para uma SUV com câmbio automático, como é seu desejo. “Porra, Flavinho!” (RUTH, 2012). A não ser que cortemos o intercâmbio da Gaia semestre que vem. “Nem fudendo, pai! Nem fudendo!” (GAIA, 2012). “As amiguinhas dela vivem viajando. Ela precisa se enturmar, Flavinho!” (RUTH, 2012). Eu sei, mas... “E se você financiar um automático em 60 meses?” (RUTH, 2012). Mas eu ainda nem terminei de pagar a cozinha de inox do... “Que vida miserável eu levo ao lado de um pamonha! Não podemos ter nem o básico! O básico!” (RUTH, 2012). Vou falar no banco, pode deixar, querida. “Amanhã cedo, ok?” (RUTH, 2012). Amanhã cedo. Tenho outra boa notícia: estou negociando levá-la como assistente a um congresso em Quito. “Quito????” (RUTH, 2012). Bem sei que seu desejo era Nova York — não se ofenda, mas acredito que muito disso deve-se à insuportável exibição de fotos e compras realizada por sua irmã e aquele marido neanderthal ano passado. Insisto: de que adianta terem dinheiro se não sabem fruir a história da arte? “Melhor do que assistir pela TV

tomando vinho vagabundo” (RUTH, 2012). Não fale assim, meu amor. Por ora, Quito foi o que consegui, mas chegaremos mais longe. E, comparado ao ano passado, demos um enorme passo. Não que eu tenha achado tão ruim aquela semana em Mongaguá, apesar do “insuportável cheiro de esgoto” (RUTH, 2012). E quer saber do melhor? Não gastaremos nada. Inscrevi-a como coautora de meu artigo, o que fará com que paguem sua passagem e hospedagem. “Classe executiva, né?” (RUTH, 2012). Econômica. “Putaquepariu, Flavinho! Enquanto o Oswaldo só leva a Lúcia de business para a Europa, casei com um palerma que só consegue a Colômbia de econômica!” (RUTH, 2012). Equador, querida. Quito fica no Equador. “Equador, que seja. Tudo a mesma bosta!” (RUTH, 2012). “Já falei, Ruth: larga esse paspalho!” (LÚCIA, 2012). “Não fala assim do meu pai, sua perua plastificada!” (GAIA, 2012). “Que inferno!!!! Que inferno!!!!” (RUTH, 2012). Peço, por favor, que todas se acalmem. Deixe comigo, Ruth. Nada fiz além de ceder as fotos do capítulo dezenove, pois acredito firmemente que o lançamento de *A imagética da dominação no espaço-cidade* — aliado à consultoria em Ourinhos — abrirá as portas que conduzirão nossa família para o lugar que ela, efetivamente, merece. E, assim, deixaremos “esta vida de merda que a gente leva aqui no Jardim Bonfiglioli” (RUTH, 2012).

